

TEORIA E ANÁLISE SOBRE FESTAS INDÍGENAS THEORY AND ANALYSIS ON INDIGENOUS PARTIES

Ivy Élica Guimarães Sales⁵⁵

José Tomas de Souza⁵⁶

RESUMO

O presente artigo parte de observações obtidas a partir de uma pesquisa de mestrado em Antropologia Social iniciada em 2017. A proposta é apresentar um olhar sobre metodologia de pesquisa e as Festas Indígenas que ocorrem em Roraima. A etnografia que fomentou os presentes apontamentos foi realizada na região Serra da Lua, Território Indígena no qual ocorrem inúmeras Festas Indígenas. Partindo de algumas lacunas que foram surgindo após a realização da pesquisa, esse trabalho apresenta questionamento e diálogos teóricos que surgiram ao revisitar a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: FESTA INDÍGENA, RORAIMA, METODOLÓGIA

ABSTRACT

This article starts from observations obtained from a master's research in Social Anthropology started in 2017. The proposal is to present a look at research methodology and indigenous festivals that take place in Roraima. A ethnography that fomented the present points was realized in the Serra da Lua region, Indigenous Territory in which numerous Indigenous Festivals occur. Starting from some gaps that were emerging after the research, this work presents questioning and theoretical dialogues that arose when revisiting the research.

KEYWORDS: INDIGENOUS FESTIVAL, RORAIMA, METHODOLOGY

⁵⁵ Cientista Social - UFCG, Mestre em Antropologia pela UFRR e graduanda em Psicologia -UFRR

e-mail: ivyelida@gmail.com

⁵⁶ Graduando em Psicologia UFRR, membro do movimento indígena de Roraima.

Introdução

O presente artigo versa sobre o tema Festas Indígenas, a análise ocorreu em Roraima. A proposta é pontuar as questões teóricas e metodológicas, pensando para além da descrição.

Ao compreender mais sobre a estrutura das Festas Indígenas e as performances que ocorrem, alcançou-se o ponto de partida para observar a ressignificação e resistência da cultura e identidade de grupo tradicionais. São jogos, danças, competições e músicas que se mesclam e apresentam o passado e o presente do grupo étnico. Esses eventos são tidos como uma forma de fortalecer os costumes e apresentar a outros grupos. As performances ensaiadas e resgatadas são uma atração para os convidados, para os que se direcionam para as comunidades com o propósito de estar na festa e conhecer a comunidade.

Roraima

No século XVIII os portugueses deram início a ocupação, atualmente conhecida como Roraima. Como estratégia de ocupação utilizou-se o aldeamento da população indígena, “obtido através do estabelecimento de relações clientelistas com os índios da região” (SANTILLI, 1989: 16). Nesse processo, na primeira década do século XIX ocorreu que o avanço da pecuária foi tomando os espaços e levando os indígenas a se deslocarem, um movimento que envolve extinção de grupos étnicos, invasão de territórios, demarcação de fronteiras e exploração da mão de obra indígena e no decorrer dos anos estabeleceu-se o garimpo.

Em meadas do século XIX, com a criação do Território Federal de Roraima o projeto para colonizar os espaços alcança os resultados almejados e inúmeros grupos indígenas têm suas terras tomadas, o início de um longo processo de retomada desses territórios se inicia e alguns resultados positivos só chegam na década de 90, quando após muita luta e reivindicações, alguns territórios começam a ser demarcados e temos o que atualmente são territórios demarcados de maneira descontinua.

Serra da Lua

Devemos lembrar que a região Serra da Lua é um território indígena, um espaço que foi palco de lutas e reivindicações e por isso um lugar político. Passando por um processo de invasão e reconquista. Os povos dessa região são, em maioria, da etnia Wapichana, os quais estatisticamente são o segundo maior grupo étnico de Roraima, em primeiro lugar estão os Macuxi. Atualmente existem, no território brasileiro, cerca de 10 mil pessoas da etnia Wapichana, segundo dados fornecidos pela SESAI em 2015. Essa etnia também reside em aldeias na República Federativa da Guiana e na Venezuela. Nesse ponto destacamos que a população Wapichana habita uma região fronteira e que a fronteira física entre países não divide o grupo, pois ser Wapichana não se limita a uma nacionalidade e a jurisdição estatal.

Festa Indígena

As Festas Indígenas atuais, apesar de não serem eventos que existem a muitos anos, possuem características tradicionais, e podem ser vistas como uma releitura das festas tradicionais, pois as atuais tiveram sua primeira ocorrência entre o final já no início do século XXI. Os eventos atuais começam a ocorrer após o processo de demarcação, pois se durante anos existiu conflitos entre indígenas e fazendeiros da região, atualmente com as terras livres, a população indígena tenta reviver costumes antigos e com isso ressignificar novos costumes:

As tradicionais festas de caxiri, documentadas durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, se transformaram para continuar existindo: a carne de caça foi substituída pela de gado e animais de pequeno porte, as danças tradicionais, pucui e parixara (dança de caça), deram lugar ao forró, ritmo regional muito apreciado entre índios. (CAVALCANTE, 2013: 83)

Desse modo, ao apresentar as performances culturais durante o festejo; competições com arco e flecha, jogos, danças, apresentações de música e dança mais contemporânea que os jovens apreciam e se divertem, mostram também as relações que se estabelecem nessas festas, sejam entre as comunidades vizinhas ou com os núcleos urbanos que não são territórios indígenas.

Do artístico ao performático junto as questões econômicas que envolvem a realização do evento, tem-se uma forma de representar os costumes e tradições dos povos indígenas da região, como podemos ver nas apresentações de *Parixara*, na contação de histórias, nas competições e na alimentação e bebida tradicionais. Uma maneira de sociabilidade através das performances que ocorrem antes, durante e após uma festa. Relações e interações que foram se mostrando e se construindo durante o processo de elaboração e reelaboração que estão envolvidos nesses eventos, nas Festas Indígenas. Destarte, é possível ver a festa como uma mediação de significados,

A festa é, ainda, mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros -por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. (AMARAL, 1998 :19)

A festa também pode ser vista em geral, em todas as sociedades, como uma maneira de libertação “de si mesmos e de enfrentarem uma diferença radical no encontro com o universo sem leis e nem forma que é a natureza na sua inocente simplicidade.” (DUVIGNAUD, 1983: 212). Isto posto, a ideia de festa também está presente na compreensão dessa como “(...) um evento situado num contexto particular, construído pelos participantes. Há papéis e maneiras de falar e agir. (LANGDON, 2007: 08). Mas é importante explicitar que não se pode compreender qualquer expressão como sendo um momento performático, nem qualquer comemoração como uma Festa Indígena, nesse sentido cumpre estabelecer uma análise para a dimensão em que se encontra o evento e a motivação, por isso pensar a relação da antropologia e do turismo.

A observação das Festas Indígenas aos olhos da performance, parte para o entendimento e atenção ao que surge da mediação e expectativa fora do cotidiano (LANGDON, 2007). Eventos que movimentam e impulsionam a população local para uma dedicação em comum e depois para o festejar em comum; as Festas Indígenas reelaboradas para comemorar significados da comunidade, do grupo étnico são manifestações culturais que não podem ser vistas nem como uma simples motivação, nem como empreendimento, são passos firmes na história local, constroem ligações e interações que a fazem perdurar.

Quanto ao que propõe a antropologia do turismo

Ao relacionar as Festas Indígenas com o turismo, pensa-se o turismo com a antropologia, uma observação da motivação. A antropologia se vincula ao turismo no que compreende o deslocamento, a troca cultural, o lazer e a observação. Nesse caso, pensar o olhar antropológico e o evento em questão com todas as nuances que ele emerge, mostra-se como um tema fomentador do diálogo entre a antropologia e o turismo, compreendo que a contribuição se dá na visão que o turismo propõe destacar o ato de consumir (através, dos artigos e artesanatos comercializados, das apresentações voltadas para os visitantes), aprender e vivenciar os costumes de um povo, mesmo que de maneira efêmera.

Nesse modelo podemos pensar a motivação do evento e daquele que vai ao evento, corroborando com o que afirma Pereiro e Fernandes (2018), sobre as comunidades tradicionais se tornarem agente no processo de turistificação ou visitação, e reestruturarem os festejos para que esses proporcionem uma movimentação econômica, gerando ganhos para as comunidades.

Análise metodológica da pesquisa sobre festa

Partindo da construção tecida ao longo da busca por compreender mais amplamente as diversas festas que vêm sendo realizadas nas comunidades indígenas de Roraima, sobretudo da região Serra Lua e buscando construir uma forma de compreender essas festas para além de descrevê-las. Sabendo que essas festas são apresentadas como uma maneira de mostrar, expor e fortalecer um laço com os costumes, tradições e cultura dos povos indígenas, tem-se a compreensão desses eventos como uma movimentação econômica, uma celebração da cultura local, um lazer e um caminho para o turismo, isso porque são eventos que vêm se consolidando ao menos desde o final do século XX entre as comunidades pertencentes ao povo Wapichana. Festas que formam um conjunto de celebrações como mostra Ananda Machado:

(...) os indígenas organizados da Serra da Lua trabalham eventos como a Festa da Damurida (prato indígena a base de caldo de pimenta com peixe ou carne de caça cozida), que acontece todos os anos, no mês de novembro na comunidade Malacacheta, desde os anos 90; a Festa da Farinha que acontece na comunidade Manoa; a Festa do Beiju, que aconteceu algumas vezes na comunidade Tabalascada; a Festa do Caxiri (bebida fermentada de macaxeira), que acontece na comunidade Moscou; o Intercultural na comunidade Canauanim, que acontece em setembro, desde 2009. Todos eles realizados com o objetivo de fortalecer o uso cultural, o intercâmbio e a união entre as comunidades. (MACHADO, 2017: 86). Grifos meus

Tomando o Festejo Intercultural como espaço para investigação, e exemplo para melhor entendimento. Um evento que surge de uma reelaboração de outra festa que era realizada na

comunidade indígena Canauanim, vemos que da Festa da Fatura, a qual tinha como propósito celebrar e compartilhar a cultura indígena, sem movimentação econômica (os alimentos era compartilhados entre os participantes os quais eram indígenas de diversas comunidades próximas da Canauanim), formou-se A Festa Intercultural, atualmente chamado de Festejo Intercultural⁵⁷.

Portanto, trazendo um entendimento sobre a pesquisa com, na e sobre festas, destacam-se os seguintes pontos de análise: o grupo étnico que está realizando a festa; A motivação da festa, aqui entram aspectos da economia local; A história da festa; As performances presentes e o significado delas.

O momento que antecede o Festejo Intercultural e qualquer outra Festa Indígena, ocorre nas assembleias da comunidade, uma reunião para discutir sobre quem irá desenvolver atividades, quando e como ocorrerá o evento. Na semana que antecede a Festa os preparativos começam: ensaios do Parixara (dança tradicional indígena) se intensificam (ocorriam no período da noite), os moradores começam a preparar as vestimentas (saias de palha de buriti, cabaças, bolsas de palha e bijuterias de sementes). Esses preparativos são tanto para dançar, como também para participar das competições ou comercializar.

Nas Festas Indígenas sempre acontece a dança Parixara, o canto na língua materna, a competição de índia que vai representar a comunidade até o próximo festejo e os jogos, essas experiências são as performances, pois elas se diferenciam do fluxo da vida social cotidiana, são uma energia de atividades que podem ser um ritual, uma brincadeira, um jogo, uma peça teatral e formas populares de entretenimento (SCHECHNER, 2003). O primeiro dia de uma Festa Indígena é um momento de entusiasmo, na comunidade Canauanim foi visto a animação dos moradores em preparar suas barracas, e ao ornamentar e arrumar o espaço para os visitantes que irão participar da festa e das performances. Os jogos de futebol, as brincadeiras, as apresentações e as danças, uma matização de performances que juntas ali demonstram significados e demarcam o tempo e o espaço. Um momento que privilegiei para compreender as relações sociais que constituem a Comunidade Indígena Canauanim.

Portanto, o Festejo Intercultural aos olhos da performance torna-se palpável para compreender as atualizações e as relações sociais, bem como processos sociais. Além de apresentar e comunicar significados que mostram a importância no momento histórico específico vivenciado pelos Wapichana da comunidade. O festejo faz parte de um conjunto de comemorações que são realizadas durante todo o ano, logo permite identificar questões mais gerais sobre a região Serra da Lua e os povos Wapichana. As transformações culturais, as necessidades que vão surgindo e as interações mostram que a Comunidade Canauanim tece suas formas de interação, o que vem a transformar o evento em uma movimentação econômica e política, tendo em vista que a organização e o sucesso do evento é também uma forma de demonstrar liderança e uma comunidade forte e organizada.

Por isso, a preparação para o evento é também um ato de compartilhar com outros um estado de alegria e exaltações simbólicas, o momento que antecede a festa coloca o grupo em

⁵⁷ A comunidade Canauanim está localizada na região conhecida como Serra da Lua, que vai do Rio Branco ao rio Rupununi fronteira com a Guiana. A Terra Indígena Canauanim fica próxima de uma região de campos e serras povoada predominantemente pelo povo Wapichana: “Em território brasileiro, as aldeias Wapichana se dispõem do rio Uraricoera ao rio Tacutu. A maior parte das aldeias localiza-se na região conhecida por Serra da Lua, entre o rio Branco e rio Tacutu, afluente do primeiro” (FARAGE, 1997, p. 17). A palavra canauanim é resultado da combinação de igarapé e canoa “kanawa“u” na língua Wapichana que significa em português (igarapé da canoa), originou o nome da comunidade Canauanim.

movimento, as pessoas em ação e o corpo como receptor de emoções e promovedor de sensações. As festas são objeto de análise ricas em significados, que exaltam a liberdade e mostram as expressões com maior ênfase, são um momento de privilégio para compreender mais sobre uma cultura, sobre um povo.

Considerações

As necessidades que vão sendo criadas ao longo da história promovem infinitas modificações nas culturas, sendo colocadas e ressignificadas pelos grupos, elas modelam a forma de se relacionar com o mundo, com os objetos e a natureza. Para além disso, essas necessidades podem ser uma forma de movimentação econômica e sim de identidade.

Partindo desse entendimento, os eventos aqui denominados de Festas Indígenas, são resultado das necessidades, econômicas e culturais que fluem ao longo da história entre as sociedades. Com isso, a motivação para a realização desses eventos é, a priori, resultado dos acontecimentos históricos e sociais que estão presentes na conjuntura de cada grupo indígena e de suas comunidades, no caso s de Roraima se relacionam à conquista da terra.

Portanto, a observação e entendimento de uma festa precisa partir da compreensão cultural do grupo que a promove, no caso do presente trabalho são os Wapichana da Região Indígena Serra da Lua, para assim chegar à motivação, que segundo dados coletados é para celebrar a cultura indígena. Quanto a história de uma festa, a investigação coletou fontes locais, as quais privilegiam apenas a história oral, portanto, se a história é contada pela população de uma maneira será ela que irá prevalecer, pois é da história local que o imaginário surge, que a cultura se fortalece, além disso, em uma investigação sobre festa é necessário mesclar a motivação e a história das fontes locais, pois o significado da festa parte do discurso do grupo. Finalmente, para analisar uma Festa Indígena é necessário observar as performances que ocorrem nelas. No caso do Festejo Intercultural, as performances apresentam os momentos do evento, os costumes e pontua a ressignificação da cultura, onde músicas e danças são apresentadas, modeladas e reinventadas.

As performances são ensaiadas, elas querem divertir o público, a plateia, elas buscam mostrar a história da comunidade e a cultura do povo Wapichana, elas se propõem a promover um diálogo entre as pessoas da comunidade e os de fora, promovem a visitaçao, valorizam os visitantes. Os visitantes de fora que estão ali para consumir, conhecer e vivenciar, são turistas, participantes de um evento cultural.

Conclusivamente, ao analisar um evento promovido por um grupo étnico é possível compreender as nuances que estão em torno dos aspectos culturais, econômico, sociais e políticos de um povo. Esses entendimentos constroem base para análise das necessidades e elaboração de políticas de incentivos culturais e econômicos para uma localidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita. As mediações Culturais da Festa. **Revista Mediações**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 13-22, jan./jul. 1998.

CAVALCANTE, Olendina de Carvalho; Et al. FESTAS E SOCIALIDADES INDÍGENAS EM RORAIMA RELATÓRIO PARCIAL. **Universidade Federal de Roraima**, Instituto de Antropologia. 2013.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**, 1983.

FARAGE, Nadia. As flores da fala: práticas retóricas entre os Wapishana. **São Paulo**, 1997.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 8, n. 1,2, p. 162-183, jan. 1995 (2007). ISSN 2175-8034. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18229> Acesso em: 20 junho. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/%x>.

MACHADO, Amanda. Kutuanhau dau'au: gêneros de narrativas históricas e dramaturgia Wapichana. In: ALEIXO, Fernando, TELLES, Narciso. Ateliês em artes cênicas: produção, extensão e difusão cultural. **Uberlândia, MG: EDUFU**. 2017. pp. 77-91 Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29643/1/Ateli%C3%AAsArtesC%C3%AAnicas.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2020.

PEREIRO, Xerardo; FERNANDES, Filipa. Antropologia e Turismo: Teorias, métodos e práxis. **Tenerife: PASOS, RTPC / 2018/ 496 p.** incluída bibliografia

SANTILLI, Paulo. Pemongon Patá: Território Macuxi, rotas de conflito. São Paulo: **UNESP**, 2001.

SILVA, Nayara Cristhina dos Santos. CONHECER A HISTÓRIA E O MODO DE VIDA DOS POVOS INDÍGENAS DE RORAIMA: ETNIAS MACUXI E WAPICHANA. **Revista Eletrônica Casa de Makunaima** - ISSN 2595-5888 Edição 3 / Vol. 2 - Nº 3 / Jan./Jun. (2019)

SCHECHNER, Richard. O que é performance? **Revista de teatro, crítica e estética. Ano II.** Nº 12, 2003. Rio de Janeiro, UERJ.